

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DO CINEMA: A ATUAÇÃO INTELECTUAL DE WALTER DA SILVEIRA NA FORMAÇÃO CULTURAL DA CIDADE DE SALVADOR

*Thiago Barboza de Oliveira Coelho*¹
Mestrando em História na Universidade Federal da Bahia (UFBA)
E-mail: tbocoelho@yahoo.com.br

Palavras-chave: Walter da Silveira. Clube de Cinema da Bahia. Formação Cultural. Intelectual Orgânico.

Apresentação

Walter da Silveira constituiu-se como uma das figuras de maior influência no desenvolvimento do cenário cinematográfico da Bahia. Fomentador de diversas atividades essenciais à difusão da cultura fílmica no estado, como a fundação do Clube de Cinema da Bahia², a criação do curso livre de cinema realizado em parceria com a UFBA, a realização de festivais de cinema, o apoio dado às produções que viriam a integrar o Ciclo Baiano de Cinema, além de seus livros, críticas e artigos publicados. Todas estas iniciativas suscitaram uma efervescência no debate, estudo e produção fílmica, tornando Salvador um pólo difusor de cultura cinematográfica de vanguarda, que teve no Cinema Novo sua representação mais marcante. O trabalho pioneiro desenvolvido por Walter da Silveira foi decisivo na formação de um novo grupo imbuído de um espírito renovador, desejoso por contestar a vigente ordem cultural. Este grupo composto por célebres personalidades do panorama cultural, tais como Glauber Rocha, Orlando Senna e José Umberto Dias e outros, estavam no cerne do movimento cinemanovista.

Aliando seu projeto de desenvolvimento cultural à sua visão política em conformidade com a perspectiva socialista, muitas das iniciativas desenvolvidas por Walter da Silveira visavam promover a democratização da cultura e do conhecimento, em especial, da cultura cinematográfica. Ao vislumbrar que sua atuação como intelectual deveria cumprir esta missão, Silveira assumirá o papel de intelectual orgânico vinculado às classes populares, tal qual conceituado pelo pensador marxista Antônio Gramsci. Este trabalho se destina a apresentar sucintamente a trajetória biográfica e intelectual de Walter da Silveira bem como

¹ Bolsista da Coordenação para Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doravante CCB

suas iniciativas desenvolvidas com o objetivo de impulsionar desenvolvimento cultural da cidade de Salvador, empregando para tanto o conceito gramsciano de intelectual orgânico.

Walter da Silveira: Notas sobre sua trajetória

Nascido em Salvador no dia 22 de julho de 1915, Walter Raulino da Silveira, filho do casal Ariston Augusto Côrte Imperial da Silveira e Elvira Raulino da Silveira, mostra desde cedo sua inclinação para a atividade intelectual e sua paixão pelo cinema. Já aos 13 anos, em 1928, redige pequenas notas no jornal *O Imparcial* sobre a arte cinematográfica e teatral.

Vai iniciar seus estudos na Faculdade de Direito da Bahia no ano de 1931, formando-se quatro anos depois. Nesse período manterá sua contribuição para diversos periódicos, tais como *O Diário de Notícias*, *Hoje* e o jornal estudantil da Associação Universitária da Bahia (AUB).

Durante toda sua vida, Silveira ostentaria seu posicionamento em favor das idéias libertárias, apresentando forte oposição às concepções fascistas e reacionárias. Humanista e com um arguto senso crítico social, desde sua infância este intelectual demonstrava sua inclinação para o socialismo. Assim, inicia sua militância política em 1934, quando se vincula ao quadro da Juventude Comunista, fundando no mesmo ano o Sindicato dos Estudantes da Bahia. No ano seguinte, Silveira passará a integrar os quadros da Aliança Nacional Libertadora (ANL), criando em seguida, A Frente Única Juvenil Contra o Fascismo.

Em 1945, Walter da Silveira passará a integrar o Partido Comunista Brasileiro, que ainda atuava na ilegalidade, ocupando os cargos de secretário do Departamento Jurídico do Comitê Estadual, suplente do Comitê Municipal de Salvador e membro da Comissão Eleitoral.

Numa observação mais atenta, podemos constatar que a vinculação de Silveira ao PCB não ocorre por mero acaso. Segundo Albino Rubim³ (1995), especialista na relação entre os intelectuais marxistas brasileiros e a cultura, fatores como a oposição ao Estado Novo de Vargas, a fascinação despertada pela militância de Luis Carlos Prestes e a derrota do nazifascismo na II Guerra Mundial, seguido pelo prestígio conquistado pela URSS, causaram uma profusão de filiações ao PC:

Os anos 1945/47 são quantitativa e qualitativamente o período de mais rica presença de intelectuais no PC. A enorme e significativa pertença (sic) de

³ Professor do PMPG em Cultura e Sociedade – UFBA.

renomados intelectuais da geração de 20 e principalmente das gerações de 30 e 40, reunida ao aparato político-cultural construído pelo PC [...] configuram um potencial inusitado de intervenção político-cultural dos comunistas no Brasil, facilitada ainda mais pela existência, deliberada ou não, de uma ação cultural flexível e aberta em um clima nacional e internacional de alegria e esperanças do pós-guerra e da queda da ditadura e retorno à democracia no país (RUBIM, 1995, p. 67).

Silveira permaneceu no PCB até o ano de 1956, quando se desligou do partido por desentendimentos internos, entre eles pouco reconhecimento dado pelo partido à cinematografia e a conseqüente falta de apoio para o desenvolvimento de atividades relacionadas às mesmas. Sua saída do PCB, no entanto, não significará um afastamento de Silveira da atividade política, nem tampouco de seus ideais de esquerda. Em 1959 este se elegerá deputado estadual pelo PTB, ocasião em que, por exemplo, proporia o projeto de lei para a criação do Museu de Arte Moderna da Bahia, que ficaria sob os cuidados da renomada arquiteta italiana Lina Bo Bardi.

Em sua carreira como jurista, seu posicionamento político se refletirá de maneira clara, como, por exemplo, ao abandonar em 1945 o cargo de Juiz de Direito no interior do estado para trabalhar como advogado trabalhista, atuando em diversos sindicatos, tais como: dos Trabalhadores da Indústria de Destilação, Bancários, Exibidores Cinematográficos, Construção Civil e outros mais.

Durante todo seu período em atividade, Walter da Silveira manteve-se sempre escrevendo, principalmente sobre sua maior paixão: o cinema. Serão inúmeras críticas, ensaios e artigos (sem falar nos livros), publicados em diversos jornais e revistas sobre a sétima arte. Como crítico cinematográfico, Silveira compreendia que sua função era esclarecer as massas sobre arte fílmica, difundindo o conhecimento não só aos estudiosos, produtores e cineastas, como também a população em geral. Assim, este intelectual não entende o crítico como um julgador e sim como um intérprete. Sua atuação corresponde à necessidade social de compartilhar o sentido da obra cinematográfica, já que o cinema é uma arte pública que exige participação coletiva. Desta forma, Silveira propõe “uma crítica ao céu aberto, que dialogue com o público, que não pretenda o título de uma elite afortunada do saber jurídico, que não tema aprender também como espectador comum” (SILVEIRA, 2006, v. 3, p. 37).

Além de todo conhecimento bibliográfico produzido por Silveira sobre a arte fílmica, este também buscou desenvolver projetos (além do próprio CCB) que visavam difundir a cultura cinematográfica entre a população soteropolitana e contribuir para sua formação

sócio-política e cultural. No entanto muitas das suas iniciativas não tiveram apoio do governo local e por isso acabaram não sendo postos em prática.

Esse é o caso do projeto intitulado “Plano de um Serviço de Cinema da Prefeitura Municipal de Salvador” que foi apresentado em maio de 1952, ao então prefeito da cidade de Salvador, Osvaldo Gordilho, numa comissão⁴ composta por Walter da Silveira, Robatto Filho, Rômulo Almeida e Waldemar Carias. O plano estabelecido pela comissão tinha dois objetivos: o primeiro seria o de democratizar o acesso popular às exibições de cinema – notadamente de filmes fora do circuito comercial – e, conseqüentemente, contribuir para a formação artística e cultural da população. Em segundo lugar ter-se-ia a criação de uma filмотeca municipal.

Apesar de ser demonstrada a viabilidade do projeto e de serem claros os diversos benefícios que este proporcionaria a cena cultural de Salvador, o Plano nunca foi executado pelo poder executivo soteropolitano, em razão da não aprovação deste pela Câmara Municipal da capital baiana. Frustrou-se, assim, o objetivo de Walter da Silveira de promover a difusão da cultura cinematográfica entre a população, o que estenderia o alcance dos ideais preconizados por este e o Clube de Cinema da Bahia.

Vale aqui também mencionar outra iniciativa promovida por Walter da Silveira para o desenvolvimento do cinema baiano, qual seja, a apresentação de um projeto de lei na Câmara Municipal de Salvador, que previa o pagamento de adicional aos produtores cinematográficos, quando o filme atingia um patamar de arrecadação. Proposto em 1960, na prefeitura de Heitor Dias, este projeto fora formulado aos moldes da Lei Municipal nº 4.854/1955 da cidade de São Paulo – conhecida também como lei do adicional de ingresso – a qual determinava a premiação em dinheiro aos produtores com base de cálculo de 10% ou 15% do valor arrecado com a bilheteria do respectivo filme.

Ao contrário dos projetos citados acima, que não obtiveram êxito, é possível destacar o Curso Livre de Cinema, realizado com parceria com a UFBA, em 1968, como de uma iniciativa bem sucedida de Walter da Silveira. Fruto da parceria deste com o professor universitário Valentin Calderon, o Curso Livre é uma experiência inédita na Bahia, que não possuía cursos de capacitação sobre a cinematografia. Este curso foi fundamental para a formação de jovens que figurariam o quadro da nova geração de cineastas e estudiosos do cinema, entre eles, André Luiz de Oliveira, José Umberto Dias, André Setaro, José Frazão, Walter Pinto Lima e outros (SETARO, 1997, p. 36).

⁴ Denominada “Comissão de Cinema Educativo”.

De todos os projetos encabeçados por Walter da Silveira o Clube de Cinema da Bahia foi, sem dúvida, a sua maior realização. Este surgiu, principalmente, da necessidade, vislumbrada por Silveira, de se criar alternativas a fim de suplantar a dificuldade em se ter acesso a filmes estrangeiros que não conseguiam chegar ao país através das empresas de distribuição devido à pungente supremacia mercadológica do cinema norte-americano.

No ano de 1951, Walter da Silveira alerta sobre o quadro do mercado baiano:

Há, entre nós, oito escritórios de distribuidoras de filmes, sendo que dois só muito recentemente foram instalados: o da Art Filmes, com fitas italianas, francesas e algumas inglesas, e o da França Filmes, que apenas negocia filmes da origem que seu nome indica, cinco outros pertencem a Fox; Universal-International; Metro Goldwyn; Warner Bros e Paramount; e PKO, Columbia, Republic e Monoram. O escritório restante é o da firma Afonso Cavalcante, que tanto se dedica à distribuição como à exibição [...]. Vê-se assim que, num total de oito, cinco servem exclusivamente à produção de Hollywood [...] (SILVEIRA, 2006, v. 1, p. 229).

Em decorrência dessa conjuntura, observa-se a incidência da supremacia numérica dos filmes norte-americanos nas salas de exibição da Bahia. A entrada de películas de outras nacionalidades ocorria de forma bastante restrita, de maneira que grandes clássicos da sétima arte, como obras da *Nouvelle Vague*, do neorrealismo italiano e do cinema soviético, acabavam por não serem exibidas na capital baiana.

Podemos entender, dessa maneira, que a partir da produção e difusão em larga escala promovida pela indústria cultural, esta estabelece de maneira efetiva a predominância da estética, concepções e valores inerentes a sociedade norte-americana nos meios baianos, através de sua cinematografia. Constituindo assim sua hegemonia ideológica.

Walter da Silveira (2006), desde o início de sua carreira como ensaísta e crítico de cinema, já se insurgia contra esta realidade, considerando este domínio da filmografia norte-americana como um dos principais óbices para o desenvolvimento da cultura cinematográfica na Bahia.⁵ Para Silveira (2006), era essencial que houvesse maior acessibilidade as obras cinematográficas das mais diversas origens, pois “aquisição da cultura cinematográfica há de fazer inicialmente com o conhecimento pessoal e direto da arte: e só a visão dos filmes a possibilita” (SILVEIRA, 2006, v. 2, p. 168).

Para superar este cenário tão desanimador para desenvolvimento da arte cinematográfica na Bahia, Walter da Silveira aposta na criação de um cineclube como meio

⁵ Vale aqui destacar que Walter da Silveira não se opunha à exibição de filmes americanos, mas sim à dominação do mercado de exibição exercida por estes filmes. Inclusive ao longo dos anos de atividades do CCB foram exibidas diversas produções ianques.

de proporcionar a difusão de filmes que não ingressavam no circuito comercial e de contribuir para formação de um público de cinema qualificado, como mostra seu desabafo num artigo escrito em 1949:

Por que, então, na Bahia não se organiza um clube de cinema? Se há cidade das importantes no Brasil que precise de um clube de cinema é essa. Isto porque, com o domínio do mais baixo mercenarismo nas casas de exibição, sucumbidas ao peso do imperialismo cinematográfico americano, raramente se projeta uma película que seja, em verdade, uma obra de arte, em vez de um divertimento, negando-se assim, a quem se interessa pelo cinema como arte, a oportunidade de contato freqüente com as maiores e melhores produções atuais do mundo, de que apenas toma ciência pelas revistas ou pelos jornais de cidades, no particular, mais felizes (SILVEIRA, 2006, v. 1, p. 164).

Um ano depois, Walter da Silveira logrará êxito na fundação do Clube de Cinema da Bahia, estabelecendo-se inicialmente com mais de trezentos sócios. As atividades do CCB iniciaram-se em 27 de junho de 1950, por Walter da Silveira e o também jurista Carlos Coqueijo Costa. Primando pela diversidade da sua seleção fílmica, o CCB apresentou películas das mais diversas nacionalidades, como pode ser observado na lista de exibição do seu segundo ano de atividade, quando foram exibidos 49 filmes no total, sendo estes: 12 filmes da França, 5 da Itália, 8 da Inglaterra, 2 do México, 14 dos Estados Unidos, 2 da Alemanha e 2 da URSS (SILVEIRA, 2006, v. 1, p. 288).

Para além de sua função de trazer ao público soteropolitano uma pluralidade de produções estrangeiras, o CCB funcionou também como espaço para veiculação de filmes produzidos nacionalmente, que encontravam dificuldades em se inserir no circuito comercial ou estavam impedidos de serem exibidos em razão da censura governamental. Um exemplo disso foi a veiculação da produção *Rio 40 graus*, que foi proibido pela censura federal no Governo de Café Filho, mas fora exibido na Bahia graças ao Clube de Cinema, que realizou esta projeção clandestinamente.

Nas sessões do Clube de Cinema, Walter da Silveira não se limitava apenas a fazer a exibição da obra cinematográfica. Antes da projeção, este fazia uma pequena palestra introdutória, apresentando a película a ser exibida. Ao término do filme, Silveira retornava para debater com o público espectador diversas questões técnicas, estéticas e conceituais pertinentes à obra apresentada.

Reconhecer a importância do Clube de Cinema é fundamental não apenas por sua iniciativa cultural, mas para a compreensão do desenvolvimento das atividades cinematográficas baianas, inclusive para seu mais famoso movimento: o Cinema Novo, que

buscou uma renovação do cinema nacional, propondo uma nova estética fílmica, em oposição àquela amplamente difundida pela indústria cultural norte-americana, e buscando levar às telas preocupações concernentes às questões sociais brasileiras.

Não somente na Bahia, mas também ao longo do país, os clubes se constituíram como estruturas de sociabilidade dos participantes do Cinema Novo. Foram nos clubes onde estes futuros cineastas não apenas tiveram acesso as mais importantes obras do cinema, mas também oportunidade de travar discussões teóricas e políticas sobre as películas exibidas, como expõe o cineasta Zelito Viana (apud SIMONARD, 2006):

Os cineclubes foram fundamentais porque, naquele tempo, e até hoje, o cinema no Brasil era muito mal visto, vem muito pouca coisa (do exterior) (...) só vem aquilo que as grandes distribuidoras querem. Naquele tempo, o cineclube era fundamental, absolutamente fundamental para a formação das pessoas porque só se pode formar cineasta vendo filme (VIANA apud SIMONARD, 2006, p. 74).

Uma vez estabelecido, o CCB inicia seu papel como agente que visa promover a formação e a informação. Seu maior destaque é sua atuação como uma escola de cinema, preenchendo a lacuna existente graças à ausência de cursos e matérias específicas dentro dos meios universitários. A partir das observações de Zelito Viana e de Walter da Silveira torna-se fácil observar a importância do CCB na formação do movimento do Cinema Novo, como bem salienta André Setaro (1997):

Não resta dúvida, porém, que o aprendizado do cinema, da arte do filme é feita nas sessões do Clube de Cinema da Bahia. Descobrimo-se o neorealismo italiano e a escola soviética, Glauber Rocha, mentor intelectual de toda a escola baiana, desperta para a possibilidade de fazer, aqui, um cinema voltado para o drama do homem brasileiro [...]. E, com isso, avança o Cinema Novo nas páginas do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil [...] (SETARO, 1997, p. 27-28).

Animador cultural de intensa atuação, Walter da Silveira não mediu esforços para alavancar a sétima arte no território baiano, seja no campo da exibição ou da produção. Para infortúnio de seus amigos e colaboradores, Silveira viria a falecer no dia 5 de Novembro de 1970, vítima de câncer renal, deixando para as gerações futuras um vasto legado cultural.

Para além da *Intelligentsia*: Walter da Silveira numa perspectiva gramsciana

Diante desta atuação de Silveira no cenário cultural soteropolitano, conclui-se que este se configurou como um elemento de destaque nos quadros intelectuais da Bahia. No entanto, longe de recolher-se às fronteiras do academicismo e das seletas rodas de pensadores e artistas, Walter da Silveira buscou agir de maneira contundente junto à sociedade soteropolitana, buscando alavancar sua formação artística e cultural. Ao desempenhar um papel de agitador cultural, Silveira assumirá a função de intelectual orgânico tal qual formulado por Antônio Gramsci. Este intelectual, segundo Gramsci, deveria estar na vanguarda da teoria intelectual e, além disso, não poderia absolver-se da responsabilidade de transmissão de idéias e conhecimento, exercendo assim funções culturais e educativas para com aqueles que não pertencessem à classe dos intelectuais (HALL, 2000, p. 72).

Em sua obra *Os Intelectuais e a Formação da Cultura* (1978), Gramsci diferencia os intelectuais orgânicos dos chamados intelectuais tradicionais. Enquanto estes se identificam como agentes independentes, dotados de neutralidade em relação às dinâmicas sociais e políticas, de forma que sua erudição os posicionam acima das classes; aqueles integram o organismo vivo da sociedade, estando correlacionados dialeticamente com o mundo do trabalho, os conflitos políticos e sociais e a organização da cultura. A organicidade do intelectual está diretamente relacionada ao seu vínculo com determinada classe social. Ou seja, como o intelectual orgânico encontra-se inserido integralmente nos processos sociais, este não pode se abster de posicionar-se nas disputas estabelecidas entre as classes. Assim, este intelectual atua em prol da classe ao qual é vinculado de diversas maneiras: seja no campo do trabalho, atuando como técnicos e especialistas; seja na sociedade civil, como construtores do consenso em torno do projeto de classe ou ainda na sociedade política, atuando no sentido de garantir as funções jurídico-administrativas e a administração do poder do seu grupo social (SEMENARO, 2006).

Diante da atuação cultural e política de Walter da Silveira, observa-se que este compreendia que seu papel como intelectual não deveria se restringir a produção teórica, o que o aproxima da concepção gramsciana de intelectual orgânico. Seu engajamento político e cultural revela como Walter da Silveira enxergava a função social do intelectual. Para ele, o intelectual é um “esclarecedor”, um “supremo intérprete dos fatos”, que deve interagir com as massas, sendo um agente atuante e ativo e não se isolar em sua “torre de marfim”, vivendo “exclusivamente no altiplano de sua arte ou de sua sabedoria” (SILVEIRA, 2006, v. 4, p. 59). Ainda de acordo com Silveira (2006, v. 4, p. 59), o intelectual deve inserir-se no “domínio da

epopéia social”, agindo como um autêntico “mestre” das massas nos momentos mais críticos da humanidade, dispendo de seu conhecimento e de suas reflexões para auxiliar na superação das crises sociais.

Considerando assim a sua atuação política no PCB, bem como no seu posterior mandato deputado estadual pelo PTB quando atuou na esfera pública lutando por projetos que estimulavam a cultura baiana e defendiam os direitos dos trabalhadores, pode-se afirmar que Silveira compreendia bem que a *praxis*, para além da teoria, também é fundamentalmente campo de ação do intelectual. No mesmo sentido, o desenvolvimento de diversos projetos culturais por Silveira também denotam a sua vontade em transformar a realidade, promovendo o cinema na Bahia e difundindo a cultura cinematográfica no estado. Portanto, a partir do já exposto, podemos concluir que como militante político e intelectual de esquerda, Walter da Silveira (2006) mostrou-se perfeitamente afinado com o conceito de intelectual orgânico durante toda sua trajetória, não apenas questionando o *status quo* através de sua produção teórica, como também intervindo na sociedade através de suas iniciativas políticas e culturais.

Referências

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura da Bahia nos anos JK (1956 – 1961)*. Salvador: EDUFBA, 1999.

_____. *A nova onda baiana: cinema na Bahia 1958 – 1962*. Salvador: EDUFBA, 2003.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Stuart. O legado teórico dos ‘cultural studies’. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, n. 28, 2000.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 67

SETARO, André. Bahia Cinema 65-71 - Nascimento do Surto Contracultural. In: *Revista da Bahia*. Salvador, Egba, v. 32, n. 25, 1997.

_____. Um Copião de Problemas. In: *Revista da Bahia*, Salvador, Egba, n. 13, 1989.

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais ‘orgânicos’ em tempos de pós-modernidade. In: *Cad. CEDES*, v. 26, n.70, p. 373-391, 2006.

SILVEIRA, Walter da. *O Eterno e o Efêmero/ Walter da Silveira*. Organização de José Umberto Dias. Salvador: Oiti Editora e Produções Culturais Ltda, 2006. 4 v.

SIMONARD, Pedro. *A geração do Cinema Novo: para uma antropologia do cinema*. 1. ed.
Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006. v. 1.